

* 15 de Setembro 1765.

+ 21 de Dezembro 1805.

Setúbal resolveu fazer com atraso homenagens os 255 anos de seu nascimento. Toda homenagem é pouca para Manuel Maria Barbosa du Bocage. E devemos sempre lembra-lo.

Um génio além de seu tempo, explodindo em meio à mediocridade dominante, motiva todas as invejas, todas os ódios, com sua cascata de magia. Romântico antes do romantismo, moderno onde não havia modernismo, enfim uma modernidade pagã, contra tudo e contra todos, Bocage é Bocage.

No sesqui-bicentenário, seu quarto de milênio de nascimento, eu o homenageei com um poema por muito o admirar.

Segue o poema:

Se houve boca de ultraje
E que ninguém pôde calar
Foi a boca do poeta Bocage
Cantador a desprezar.

Canta o povo, canta o amor, canta o desejo
Canta, canta, canta os falsos para os acusar
Canta o arrojo, a volúpia, mesmo o cantar, e do ensejo
Seu canto chega mesmo a delirar.

Delírios da vida pungentes,
Delícias de os fazer,
São os poemas pulsantes
Do seu pronto dizer.

Por as saber descentradas
À todas as coisas reage,
As fazendo iluminadas
À luz única de Bocage.

E para empalecer minhas pobres rimas, lembremos quatro poemas dentre os que mais gosto

do grande vate, para além de seu Auto-retrato, visto aqui em diferentes registos (o romântico, o satírico, o erótico, quase pornográfico, o amoroso) :

Nascemos para amar; a Humanidade

Vai, tarde ou cedo, aos laços da ternura.

Tu és doce atractivo, ó Formosura,

Que encanta, que seduz, que persuade. Enleia-se por gosto a liberdade;

E depois que a paixão na alma se apura,

Alguns então lhe chamam desventura,

Chamam-lhe alguns então felicidade. Qual se abisma nas lôbregas tristezas,

Qual em suaves júbilos discorre,

Com esperanças mil na ideia acesas. Amor ou desfalece, ou pára, ou corre:

E, segundo as diversas naturezas,

Um porfia, este esquece, aquele morre.

Morte, Juízo, Inferno e Paraíso

Em que estado, meu bem, por ti me vejo,

Em que estado infeliz, penoso e duro!

Delido o coração de um fogo impuro,

Meus pesados grilhões adoro e beijo. Quando te logro mais, mais te desejo;

Quando te encontro mais, mais te procuro;

Quando mo juras mais, menos seguro

Julgo esse doce amor, que adorna o pejo. Assim passo, assim vivo, assim meus fados

Me desarreigam d'alma a paz e o riso,

Sendo só meu sustento os meus cuidados; E, de todo apagada a luz do siso,

Esquecem-me (ai de mim!) por teus agrados

Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.

Soneto de Todas as Putas

Não lamentes, ó Nise, o teu estado;

Putas tem sido muita gente boa;

Putíssimas fidalgas tem Lisboa,

Milhões de vezes putas teem reinado:

Dido fui puta, e puta d'um soldado:

Cleopatra por puta alcança a c'róa;

Tu, Lucrecia, com toda a tua pròa,

O teu cono não passa por honrado:

Essa da Russia imperatriz famosa,

Que inda ha pouco morreu (diz a Gazeta)

Entre mil porras expirou vaidosa:

Todas no mundo dão a sua greta:

Não fiques pois, oh Nise, duvidosa

Que isto de virgo e honra é tudo peta.

O Leão e o Porco

O rei dos animais, o rugidor leão,

Com o porco engraçou, não sei por que razão.

Quis empregá-lo bem para tirar-lhe a sorna

(A quem torpe nasceu nenhum enfeite adorna):

Deu-lhe alta dignidade, e rendas competentes,

Poder de despachar os brutos pretendentes,

De reprimir os maus, fazer aos bons justiça,

E assim cuidou vencer-lhe a natural preguiça;

Mas em vão, porque o porco é bom só para assar,

E a sua ocupação dormir, comer, fossar.

Notando-lhe a ignorância, o desmazelo, a incúria,

Soltavam contra ele injúria sobre injúria

Os outros animais, dizendo-lhe com ira:

«Ora o que o berço dá, somente a cova o tira!»

E ele, apenas grunhindo a vilipêndios tais,

Ficava muito enxuto. Atenção nisto, ó pais!

Dos filhos para o génio olhai com madureza;

Não há poder algum que mude a natureza:

Um porco há-de ser porco, inda que o rei dos bichos

O faça cortesão pelos seus vãos caprichos.